

As Origens Ocultistas da Sociedade Thule e o Projeto Nazista

The Occult Origins of the Thule Society and the Nazi Project

Los orígenes ocultos de la Sociedad Thule y el proyecto nazi

Marlon Douglas Martineli Coelho²⁴

Mônica Hortegas²⁵

Anízio Antônio Pirozi²⁶

Resumo O objetivo desse trabalho é refletir sobre o uso da simbologia na difusão e institucionalização do Partido Nazista na Alemanha. Para tanto, buscam-se fatos e curiosidades sobre o discurso não verbal usado para legitimação de uma ideologia autoritária voltada para o resgate e enaltecimento dos mitos e lendas em torno dos povos arianos, considerados pelos nazistas uma raça superior. Deu-se especial ênfase aos estudos praticados pelos membros da Sociedade *Thule* ou *Thule Gesellschaft*, que misturava conhecimentos esotéricos com uma sofisticada simbologia ocultista, que era praticada por membros do Partido Nazista. Os principais símbolos utilizados pelos membros do grupo era a adaga e o octagrama, que faziam alusão a um passado lendário das religiosidades e costumes dos antepassados dos povos alemães, dos quais o nazismo fez uso em seus símbolos principais como bandeira, uniformes e departamentos funcionais.

Palavras Chave: Simbologia. Sociedade *Thule*. Nazismo.

Abstract The aim of this work is to think about the use of symbology in the diffusion and institutionalization of the Nazi Party in Germany. Thus, one seeks facts and curiosities about the non-verbal discourse used to legitimize an authoritarian ideology aimed at rescuing and extolling the myths and legends surrounding the Aryan peoples, considered by the Nazis to be a superior race. Special emphasis was placed on studies by members of the *Thule Society* or *Thule Gesellschaft*, which mixed esoteric knowledge with sophisticated occultist symbology, which was practiced by members of the Nazi Party. The main symbols used by the members of the group were the dagger and the octagram, which alluded to a legendary past of the religions and habits of the ancestors of the German peoples, which Nazism used in its main symbols such as flag, uniforms and functional departments.

Keywords: Symbology. *Thule Society*. Nazism.

Resumen El objetivo de este trabajo es reflexionar sobre el uso de la simbología en la difusión e institucionalización del Partido Nazi en Alemania. Para ello, buscamos hechos y curiosidades sobre el discurso no verbal utilizado para legitimar una ideología autoritaria

²⁴Graduado em História pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ). E-mail marlontecn@gmail.com

²⁵ Doutora em Ciência da Religião (UFJF) e Psicóloga (UERJ). Coordenadora e docente da UNIFSJ. E-mail: monica@fsj.edu.br

²⁶ Mestre em Sociologia Política (UENF) e Historiador (UNIFSJ). Professor universitário e da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (Seeduc-RJ). E-mail:apirozi@fsj.edu.br

destinada a rescatar y enaltecer los mitos y leyendas que rodean a los pueblos *Arios*, considerados por los nazis como una raza superior. Se hizo especial énfasis en los estudios de miembros de la Sociedad *Thule* o *Thule Gesellschaft*, que mezclaban el conocimiento esotérico con una simbología oculta sofisticada, que practicaban los miembros del Partido Nazi. Los principales símbolos utilizados por los integrantes del grupo fueron la daga y el octagrama, que aludían a un pasado legendario de las religiones y costumbres de los antepasados de los pueblos alemanes, que el nazismo utilizó en sus principales símbolos como bandera, uniformes y departamentos funcionales.

Palabras clave: Simbología. Sociedad *Thule*. Nazismo.

Introdução

Este artigo visa tratar das origens de algumas instituições esotéricas²⁷ que, associadas às doutrinas antissemitas e anticristãs presentes na Alemanha nas primeiras décadas do século XX e período entre guerras (1918-1939), foram essenciais para permitir a ascensão da ideologia do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães ou *Deutsche Arbeiterpartei* – DAP, ou Partido Nazista como era comumente conhecido. As ambições nacionalistas do Partido Nazista junto aos ideais ocultistas de eminentes membros de círculos esotéricos conhecidos como *Völkisch*²⁸ e a *Germanen Order*²⁹ e suas doutrinas fizeram com que esse pequeno partido se tornasse uma força impressionante no cenário político alemão mediante uma base ideológica fundamentada no conceito de raça superior ariana, teutônica, e as pretensões de elevar o moral do povo alemão, germânico, humilhado pela crise do I Reich (1870-1918).

Além disso, visa-se explorar uma irmandade esotérica específica, a *Thule Gesellschaft* no tocante ao seu simbolismo e possíveis conexões com os fundamentos ideológicos e psicológicos das ambições nacionalistas do partido nazista, que nesse contexto ganhava popularidade e força. O que logo foi facilitado pelo contexto socioeconômico que entrou em colapso e assim criou as condições ideais para colocar

27 Entendidas aqui como organizações que dizem “revelar” aos iniciados aquilo que é oculto, conhecimento reservado a poucos, um determinado conhecimento restrito e permeado por rituais e votos de segredo. Nome genérico que se designa um conjunto de tradições e interpretações filosóficas das doutrinas e religiões que buscam desvendar seu sentido oculto.

28 Segundo Roland (2009), trata-se de um grupo de nacionalistas, com base em Viena, que buscava unificar uma nação dividida enfatizando sua identidade cultural em uma época de desunião política. *Völkisch* significa “do povo” e se refere a um movimento que combina folclore, ocultismo e nacionalismo étnico, mais tarde adotado pelo nazismo.

29 Com inspirações nos rituais franco-maçons, foi uma organização fundada em 1912, e cujas metas declaradas eram “o monitoramento dos judeus e suas atividades” e a distribuição de material antissemita (ROLAND, 2009, p. 27).

em prática as intenções adotadas pelos nazistas. Para entender esse panorama sociopolítico passemos a examinar as origens de tais movimentos.

1 Tradição germânica e origens ocultistas do nazismo

Segundo Faur (2007), a tradição nórdica é centrada na reverência à natureza e baseava-se na interação entre forças externas (clima, paisagem, ciclos anuais, ritmos naturais) e as vivências humanas, individuais e coletivas, resultando assim em um sistema de crenças que facilitava a harmonização do homem com seu hábitat. O autor defende a tese de que os seguidores da tradição nórdica, sabendo que as forças existentes na natureza (interna e externa) podiam ser direcionadas, fosse para a criação, fosse para a destruição, esses povos procuravam, através de um sofisticado conjunto de rituais e práticas ocultistas, viver em equilíbrio: interior – consigo mesmo – e exterior – em relação a tudo mais que os cercava. No século XIX, especificamente na Europa, a onda esotérica era muito forte entre membros da elite ou da classe média. Não era incomum a busca dos indivíduos por um clube ou associação centrada em experiências ritualísticas para melhor esclarecimento sobre si e do mundo, que naquele momento passava por uma mudança drástica no âmbito das tradições e comportamentos.

Os povos germânicos de uma forma particular serviram de base para a crença na *raça ariana*, e da sua superioridade sobre todas as outras, o que deu origem a um grupo que se autodenominava arianos ou arianistas. Inspirados por literaturas e rituais ocultistas que misturavam conhecimentos rúnicos e magia advindas das forças da natureza. Aliados a esses princípios um círculo formado por ocultistas que acreditavam que os germânicos eram descendentes diretos desta raça superior associaram os conhecimentos rúnicos que, segundo Faur (2007), a palavra *run* tem origem em uma língua indo-europeia, que significa *algo misterioso* ou, em norueguês, arcaico *misterioso*, acabaram criando uma sociedade que evocava conhecimentos esotéricos desde a Atlântida no mundo antigo, *Thule* na Escandinávia, *Hyperborea* na Grécia e *Shambhala* no Tibete. Outro pensamento dominante entre esses fundadores é que a raça alemã era superior e com as migrações na época medieval tinha sido enfraquecida por se misturar a outras raças ditas inferiores.

Mitologicamente, as runas, ainda que possam ser confundidas como um alfabeto antigo dos tetônicos, representam um complexo sistema espiritual pelo qual os sacerdotes e xamãs ensinavam seus mistérios aos neófitos. Segundo a mitologia nórdica, as runas são associadas ao Deus *Odin*, ou *Wotan* em língua teutônica. O que muito inspirou os ocultistas alemães rúnicos Guido Von List (1848-1919) e Friedrich Bernard Marly (1882-1966). Segundo List, os arianos eram nórdicos com uma elevada cultura espiritual, que se deslocaram do norte europeu para colonizar toda a Europa, levando consigo as runas. Para ele, esse símbolo seria a expressão física de mistérios profundos originados de uma linguagem primal conhecida como *Ursprache*, esquecida ao longo das eras. Já Marly, contrariamente, sustenta que as runas foram criadas na Terra Mãe ou *Mutterland*, ou *Thule*, que seria um lugar lendário na região da Escandinávia, que teria afundado no mar do Norte há doze mil anos (FAUR, 2007, p. 21).

Figura 1 – Desenho de Odin ou Wotan



Fonte: Disponível em encurtador.com.br/oqu27. (Acesso em 12/11/2020)

Figura 2 – Fotografia de Adolf Hitler



Fonte: Disponível em encurtador.com.br/kuzZ0. (Acesso em 12/11/20)

Para os praticantes dos conhecimentos rúnicos da sociedade *Thule*, assim como outros sociedade esotéricas³⁰, buscavam pesquisar um conhecimento perdido e utilizar todas as técnicas possíveis para que cada homem pudesse transmutar o velho em novo, o fracasso em sucesso, as trevas em luz, a derrota em vitória. Ou seja, os praticantes do esoterismo, de maneira geral, estudam e fazem uso prático das energias da natureza, que podem ser inúmeras. Para os temas estudados se fazia através das runas.

1.1 A Sociedade *Thule* e a Ascensão do Partido Nazista

Segundo Helsing (1998), a Sociedade *Thule*, de onde se originaram, mais tarde, o *Deutsche Arbeiterpartei* (DAP), o *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (NSDAP), a *Schutzstaffel* (SS), etc., o povo judeu com a missão recebida pelo Deus *Yahvé* do Antigo Testamento para criar o inferno na terra era a causa das guerras e das discórdias na terra. As pessoas de *Thule* sabiam o que eram os sistemas bancários judeus, quer dizer, de Rothschild e companhia, assim como dos Protocolos dos Sábios de Sião³¹. Eles sentiam-se como enviados, de acordo com a revelação de *Sajaha*, para combater esse povo e particularmente o sistema das lojas judias e de seus bancos a fim de criar o reino de luz na terra.

Ainda segundo a teoria de Helsing (1998), no ano de 1917, as seguintes pessoas encontraram-se em Viena: o ocultista barão Rudolf von Sebottendorf, o discípulo de Gurdjieff, Karl Haushofer, o aviador de combate Lothar Waiz, o prelado Gernot da Sociedade dos Herdeiros dos Templários *Societas Templi Marcioni* e Maria Orsitsch, uma médium de Zagreb. Essas pessoas tinham estudado muito as doutrinas e os rituais da *Golden Dawn* (Aurora Dourada) e estavam particularmente bem informadas das lojas secretas asiáticas. Sebottendorf e Haushofer, em particular, eram viajantes experimentados da Índia e do Tibete, muito aprofundados nas doutrinas e mitos desses países. Haushofer manteve contatos durante a Primeira Guerra com uma das mais influentes sociedades secretas da Ásia, a dos “Barretes Amarelo”. Esta foi fundada em 1409 pelo reformador budista Tsongkhapa. Haushofer

³⁰ Ver nota 5.

³¹ Trata-se de uma das publicações antissemitas mais divulgadas durante o século XX. Suas mentiras sobre os judeus, embora repetidamente desmentidas por estudiosos e autoridades, continuam a circular ainda hoje, principalmente na Internet. Os indivíduos e grupos que fazem uso dos Protocolos estão unidos por um mesmo propósito: disseminar o ódio contra os judeus.

lá foi iniciado e jurou suicidar-se se sua missão malograsse. Em seguida a esses contatos, comunidades tibetanas formaram-se na Alemanha dos anos 20 (HELSING, 1998, p. 150-151).

Em meio a essa situação caótica, o economista Gottfried Feder (1883-1941) e o político Anton Drexler (1884-1942), ambos próximos de Dietrich Eckart (1868-1923), membro da esotérica Sociedade *Thule* (1918) ou *Thule-Gesellschaft*, fundam o Partido Alemão dos Trabalhadores (1919-1920) ou *Deutsche Arbeiterpartei* tendo seus ideais ideológicos em meio ao nacionalismo, anticapitalismo, anticomunismo e antissemitismo.

Nesse sentido, afirma Helsing:

O prelado Gernot pertencia à Sociedade dos Herdeiros dos Templários que, no meu conhecimento, é a única verdadeira sociedade templária. Tratava-se dos sucessores dos templários de 1307 que transmitiram seus segredos de pai para filho – até hoje. O prelado Gernot falou-lhes sobre a vinda de uma nova era, da passagem da era de Peixes para a era de Aquário. Lá se falava sobre o fato de que nosso ano solar, correspondendo com as doze revoluções da lua, está dividido em doze meses, assim como a revolução do nosso sol ao redor do grande sol central (o sol negro do qual falam os antigos mitos) está dividido em doze partes. É tudo isso, sem esquecer a precessão do movimento cônico da terra sobre si mesma devido à inclinação de seu eixo, que determina as eras (HELSING, 1998, p. 151).

Após uma controversa e polêmica série de discussões e cálculos entre os membros desses círculos esotéricos, chegaram à conclusão de que a tradição templária havia designado o dia 4 de fevereiro de 1962 como data do aparecimento de um raio, que seria a evidência de que os tempos estariam mudando no plano sagrado e secular. A partir dessa revelação a data correspondente equivaleria à metade de um período de transformação de 168 anos e que acontecimentos particularmente importantes estariam previstos de acontecer entre os anos 1934 e 1990, do século XX, e que envolveriam os povos germânicos.

Para referendar tais profecias alguns acreditam que usaram uma passagem bíblica do Novo Testamento de Mateus 21:43, em que Jesus se dirige aos judeus e diz: “o reino de Deus vos será retirado e será dado a outro povo que produzirá frutos” (BÍBLIA SAGRADA, 2002, p. 1742), que, na interpretação dos envolvidos nos estudos proféticos, era um sinal de que Deus havia abandonado os Judeus e escolhido um

novo povo eleito. E segundo o místico Sebottendorf e seus amigos, Jesus havia dito concretamente de qual outro povo se tratava, pois ele falava aos germânicos que serviam numa legião romana e lhes disse que eles seriam esse povo. Foi isso que quiseram definitivamente saber: o povo germânico, portanto, alemão, teria a missão de criar um reino de luz sobre a terra. Anunciaram que o raio penetraria a terra no monte Untersberg, perto de Salzburgo. No final de setembro de 1917, Sebottendorf encontrou-se com os membros da sociedade “Os Mestres da Pedra Negra” no monte Untersberg para receber o poder da pedra violeta-negra nome no qual a sociedade secreta se inspirou (HELSING, p. 153).

Ao redor do barão Rudolf von Sebottendorf formou-se um círculo que passou da Ordem Germânica para a Sociedade *Thule* em 1919 em Bad Aihling. Além das práticas da Golden Dawn, tais como o tantrismo, ioga e as meditações orientais, eles se entregavam à magia, à astrologia, ao ocultismo, decifravam o saber dos templários e procuravam estabelecer uma ligação entre esses domínios e a política.

Figura 3 – Símbolo da Sociedade Thule ou *Thule-Gesellschaft*



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/jmC67. Acesso em: 02 nov. 2020.

Segundo a teoria de Helsing (1998), a Sociedade *Thule* acreditava – segundo a revelação de Isaías – na vinda de um Messias, “o terceiro Sargon”, que deveria trazer a glória e uma nova cultura ariana para a Alemanha.

Para Kershaw (2010), nas primeiras décadas do século XX, vários não faltavam grupos e seitas com fins propagandísticos da ideologia *völkisch*³², e que já haviam sido apresentadas em todos os seus aspectos essenciais pelos pangermanistas do pré-guerra. E, nesse sentido, Hitler estava imerso nessas ideias ultra ortodoxas de modo original. Para o autor, Hitler dava voz a fobias, preconceitos e ressentimentos como ninguém. Outros poderiam propagar as ideias nacionalistas, mas não causavam o mesmo impacto. Hitler tinha uma maneira única de criar uma propaganda eficaz e maximizar o impacto do ataque a bode expiatórios específicos. Em outras palavras, aprendeu muito bem como impressionar as massas. E que quando ele entrou para o Partido dos Trabalhadores Alemães, o DAP era um dos 73 grupos *völkisch* da Alemanha, a maioria deles fundados após o fim da guerra. O biógrafo de Hitler ainda destaca a influência que o futuro *Führer* recebeu pelo também pangermanista e jornalista Julius F. Lehmann, membro da Sociedade Thule, que era dirigida por uma loja maçônica, que fora fundada em Munique na virada do ano 1917-18, a partir da German-Orden do pré-guerra, criada em Leipzig em 1912 para reunir vários grupos e organizações antissemitas menores (KERSHAW, 2010, p.115).

Além de Lehmann, outro importante simpatizante nazista fora o barão Rudolf von Sebottendorff (1875-1945), ocultista e rico líder da Sociedade *Thule*, um aventureiro e aristocrata, que era filho de um maquinista que fizera fortuna com negócios duvidosos na Turquia e a um casamento oportuno com uma herdeira rica e garantia que as reuniões da organização fossem realizadas no melhor hotel de Munique e também financiava um jornal para promover os ideais do movimento *völkisch* na cidade e região.

Para Helsing (1998), citando dois outros autores, Dietrich Bronder – e por E. R. Carmin, os membros mais notórios pertencentes a Sociedade *Thule* e ao círculo íntimo do Partido nazista foram os seguintes: 1. Barão Rudolf von Sebottendorf, grão-mestre da ordem; 2. Guido von List, mestre da ordem; 3. Jörg Lanz von Liebenfels, mestre da ordem; 4. Adolf Hitler, *Führer*, chanceler do Reich e chefe supremo da SS; 5. Rudolf Hess, adjunto do *Führer*; 6. Hermann Göring, marechal do Reich e chefe supremo da SS; 7. Heinrich Himmler, chefe da SS do Reich e ministro do Reich; 8. Alfred

³² Movimento popular ultranacionalista que pregava a ideia de um retorno ao passado glorioso da Alemanha. Defendiam um socialismo especificamente alemão ou nacional, ao lado de um ataque ao capitalismo “judeu”.

Rosemberg, ministro do Reich e dirigente dos nacionais-socialistas; 9. Dr. Hans Frank, dirigente dos nacionais-socialistas e governador geral da Polônia; 10. Julius Streicher, chefe supremo das SA e dirigente da região Francônia; 11. Dr. Karl Haushofer, general de brigada na reserva; 12. Dr. Gottfried Feder, secretário de Estado aposentado; 13. Dietrich Eckart, chefe-redator do “*Völkischer Beobachter*”; 14. Bernhard Stempfle, confessor de Hitler e amigo íntimo; 15. Theo Morell, médico pessoal de Hitler; 16. Franz Gürtner, chefe da polícia de Munique; 17. Rudolf Steiner, fundador da doutrina antroposófica; 18. W. O. Schumann, doutor e professor da Faculdade de Ciências de Munique; 19. Trebisch-Lincoln, ocultista e viajante do Himalaia; 20. Condessa Westrap; e demais outros importantes membros do governo e sociedade alemã sob o comando nazista (HELSING, 1998).

Nesse sentido, cabe destacar que a Sociedade *Thule* não era uma organização homogênea, tudo indica que havia dois ramos: o ramo esotérico, do grego interior, do qual Rudolf Steiner fazia parte, e o ramo exotérico, do grego exterior, do qual se acredita que Hitler tomou, mais tarde, a direção. Alguns autores afirmam que os membros exoteristas da *Thule* tinham, entre outros, travado debates judiciais e condenado seres humanos à morte. Em todo o caso, Hitler perseguiu, mais tarde, Steiner e seus discípulos e condenou à morte aqueles que ele pode pegar que contrariavam suas ordens publicamente. Contudo, as evidências concretas de todas essas afirmações e nomes carecem de melhores investigações por parte de historiadores e da historiografia acadêmica.

1.2 Surgimento de uma Nova Era de Ouro para os germânicos

Foi com o encerramento da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com a derrota da Alemanha, que se tem resignado suas futuras consequências econômicas e sociais, pois uma grave crise arruinaria toda o sistema monetário alemão, não sendo só os males da guerra um fator desastroso, mas também, segundo Nicolson (2014), os termos que compunham o Tratado de Versalhes (1919), que alvejavam a paz, determinava que a Alemanha anuisse todas as responsabilidades da guerra, além de restrições militares e em demais aspectos, mas se era nítido que este tratado que procurava pela paz era catastrófico com seu objetivo

O governo transitivo alinhado seguia com a participação do Partido Social Democrata Alemão Independente (1917-1931), juntamente ao Partido Social Democrata Alemão (1863). Ambos eram relacionados ao viés socialista, organizando uma república parlamentarista constituída por meio da Assembleia dos Representantes dos Estados ou *Reichsrat* e pelo Parlamento ou *Reichstag*. Segundo Kershaw (2010), era uma democracia empregada em um país sem um histórico de relações nesse sentido e logo em sua cultura, tendo juntamente a hiperinflação em consoante a esse momento.

Em meio a todos os eventos do governo provisório e organização parlamentarista, também se pode inserir a Revolução Alemã (1918-1919), que tinha por objetivo a constituição de uma república socialista com influências do contexto da Revolução Russa (1917-1923), sendo a Liga Espartaquista (1914) ou *Spartakusbund*, por meio de Nogueira (2019), formada por Rosa Luxemburgo (1871-1919), com uma coordenação anti-imperialista e antimilitarista e que agora se correlacionaria com outros partidos do viés socialista e marxista formando o Partido Comunista da Alemanha (1918-1946) que viria como consonância aos divergentes.

A presença de uma mão armada proletária por parte do mecanismo revolucionário, acaba sendo inviável para superar a situação ocorrente na Alemanha. Tem-se o exército, por requisição dos parlamentaristas, o papel de conter o progresso revolucionário, tendo múltiplos conflitos fatais espalhados pelo território alemão, levando seus líderes a receberem sentenças entre a execução como também a prisão, colocando abaixo a situação revolucionária.

O desemprego, e mormente a inflação exacerbada, seria o fator crucial para prejudicar os mais diversos indivíduos da sociedade, tendo em meio a República de Weimar (1918), em Kershaw (2010). Nesse momento o crescimento da miséria, descontentamento e descrença por parte da maioria dos alemães fortalecem a formação de diversos aspectos e partidos políticos que seguiam uma base de formação com ideias extremistas em meio ao nacionalismo, antissemitismo, anticomunismo e anticapitalismo.

O veterano Adolf Hitler (1889-1945) teve seu ideal nacionalista e principalmente antissemita inflado. Antes mesmo da formação de parâmetros nacionalistas pelo território da Alemanha, segundo Hitler (1925), em seu manifesto, deram-se os primeiros sinais de sua ideologia enquanto residia na Áustria-Hungria, por meio do seu ambiente de recrutamento militar para guerra, em que eram inadmissíveis e

abomináveis os numerosos tipos de etnias e outras diversidades presente no corpo do exército. Sua ida para servir ao exército da Alemanha o aproxima em questões futuras do DAP, quando, então, teria a liderança, a reorganização e a renomeação para Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (1920-1945) ou *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*, ou Partido Nazista (HITTLER, 2016).

Figura 4 – Símbolo do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães



Fonte: Disponível em encurtador.com.br/asz47. (Acesso em 27/10/2020)

Os diversos problemas que a nação alemã vivenciava durante a existência da República de Weimar serviram de ponto de partida para ocorrência de diversas revoltas, não sendo diferente no ambiente nacionalista, quando havia a formação de grupos paramilitares e tentativas de golpes, com destaque para o golpe ou putsch na cervejaria em Munique no ano de 1923, liderada por Adolf Hitler e seus simpatizantes, mas que acaba por falhar em meio ao transcurso, terminando em sua prisão.

A noção formada pelo líder nazista após terminar a escrita de seu manifesto e de ter sua saída da prisão decretada se estabelece uma nova concepção de como poderia angariar o poder, pois agora Hitler (1925) procuraria evitar atuações de risco como a ocorrente. Era essencial seguir agora uma concepção de participação no ambiente político da Alemanha, levando seu partido à reconhecimento pelos demais.

O governo alemão que ainda sofria com a crise financeira, além do alto número de desempregados, procurava obter relações com os norte-americanos, estabelecendo relações econômicas, pois recebia agora dos capitalistas um auxílio financeiro para pagar seus dispêndios inseridos pelo tratado, como também diversos outros problemas resultantes da crise. A conquista da estabilidade econômica e política foram eminentes, fazendo assim o apoio popular sobre o governo parlamentarista crescer e o número de desempregados decair frequentemente. Mas todo o investimento estadunidense partia da conexão dos alemães com a Bolsa de Valores, sendo para Stolleis (2018), o segundo problema que decairia sobre os

alemães, pois em 1929 ocorre a quebra ou crash da Bolsa de Valores de Nova Iorque, gerando um colapso desastroso em todos os relacionados.

A popularidade nazista não se dá somente por meio da crise ocorrente e suas ideias de uma resolução, mas também envolve outros eventos desencadeados durante o momento. Destaca-se o Incêndio do *Reichstag* (1933) que, segundo Amis (2015), foi utilizado pelos nazistas como base para atacar os comunistas e sua conspiração contra o governo, fazendo que o presidente Paul von Hindenburg (1847-1934) assinasse um decreto de emergência para se agir contra o Partido Comunista da Alemanha e atribuir ao chanceler Adolf Hitler o poder de legislar independentemente, sendo o ponto chave para os nazistas.

2 Simbolismo Nazista e Sociedade Thule: representações de poder e glória

A propaganda nazista não pode ser excluída do processo de ascensão, pois seu propósito se dava de profusos modos, destacando-se a formação de um ideal contrário, com um inimigo em comum de toda nação: os judeus e as minorias, empecilhos aos quais se atribuíam a responsabilidade de ambas as crises econômicas, sendo retráidos a simples ignorantes e nefastos para todos.

As características do extremo nacionalismo do nazismo em seus demasiados e mancebos detalhes eram difundidas em meio a todo sistema de propaganda, a partir de fundamentos específicos que favoreciam seu crescimento, tendo sua conexão simbólica com o intuito de estruturar uma compreensão de como os alemães eram um povo forte, superior e principalmente aglutinado. A simbologia nórdica teve presença para a explicação de toda a construção do ideal propagandístico e ascensão do partido. Em Szklarz (2015), o nazismo tem uma aproximação direta com o paganismo e o arianismo é a principal característica cultuada, o que se observa junto a diversos outros símbolos na maioria dos cartazes, uniformes, filmes, desfiles, edifícios, dentre outros meios utilizados pela ideologia.

Os símbolos, segundo Carl Gustav Jung (2012), são as pontes que nos conectam ao mundo inconsciente. Esse mundo sem palavras, onde não é possível ver ou tocar, emerge à consciência sob diversas formas ao longo de toda a história da humanidade. A totalidade da psique, que inclui não apenas o consciente, mas o inconsciente pessoal e coletivo, não se limita a questões individuais. Assim também, os símbolos abarcam esse horizonte maior. Para Jung (2012), desde os tempos

primitivos, a humanidade sempre teve em abundância imagens poderosas que a protegiam magicamente contra as coisas abissais da alma, assustadoramente vivas. As figuras do inconsciente sempre foram expressas através de imagens protetoras e criativas, e assim expelidas da psique para o espaço cósmico (JUNG, 2012, p. 21). Mas essas imagens teriam sido perdidas no mundo moderno, e isso se apresentava claramente no período das duas grandes guerras.

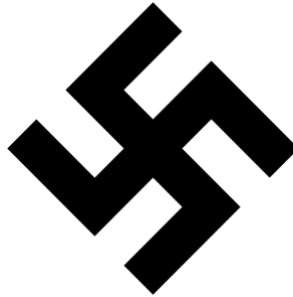
Preocupado com a situação política da época em que viveu, Jung se posicionou e fez uma análise de seu tempo que ultrapassava compreensões racionais, econômicas ou sociais. Wotan³³, o deus mítico da tormenta e da embriaguez, já proclamado por Nostradamus, retornava das abissais camadas da psique para atormentar a Alemanha do início do século XX (JUNG, 2011, p. 14). O arquétipo Wotan, enquanto fator psíquico, produziria efeitos coletivos. Vestido com seu poder, como simbologia, Hitler utilizou a suástica. Esse símbolo era antigo e bastante difundido em outros lugares e tradições. Representam arquétipos que se encontram no inconsciente coletivo e são trazidos à luz arrastando todo um coletivo. Segundo Jung,

Nações em estado de miséria coletiva comportam-se como indivíduos neuróticos ou psicóticos. Primeiramente são dissociados e desintegrados, depois sucumbem a um estado de confusão e desorientação. Como não se trata de um estado de desintegração psicótica de um caso individual, a confusão afeta sobretudo as camadas conscientes e subconscientes [...] (JUNG, 2011, p. 160).

A confusão nessas camadas provocaria a ativação de camadas ainda mais profundas, com forças instintivas, que surgiriam como projeção. Quando as camadas do inconsciente coletivo são enfim atingidas, a projeção se torna coletiva e pode transformar um líder a assumir representações mitológicas. São forças arquetípicas que emprestariam forças sobre-humanas a um ser humano comum. Este seria o melhor caminho para transformar um partido político, como foi o caso do Nacional Socialista, em uma ordem religiosa. Só que comandando não apenas fiéis de uma igreja, mas todo um Estado. Assim, para Jung, “quando o espírito do Estado fala através dele (Hitler), então sua voz é de trovão, e sua palavra é tão poderosa que recolhe milhões de pessoas como folhas que caem no outono” (JUNG, 2011, p. 158).

Figura 5 – Símbolo da suástica Nazista

³³ Vide figura 1.



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/lxNQV. Acesso em: 27 out. 2020.

Havia sem dúvida um adoecimento psíquico. Jung apontou para onde estaria a verdadeira causa, não mais fora, mas no interior do próprio homem. Em suas palavras:

Nossa época demonstrou o que significa quando as portas do submundo psíquico são abertas. Aconteceram coisas cuja monstruosidade não poderia ser imaginada pela inocência idílica da primeira década de nosso século. O mundo foi revirado por elas e encontra-se, desde então, num estado de esquizofrenia. Não só a grande e civilizada Alemanha cuspiu seu primitivismo assustador, mas também a Rússia foi por ele comandada, e a África está em chamas. Não admira que o mundo ocidental se sinta constrangido, pois não sabe o quanto está implicado no submundo revolucionário e o que perdeu com a destruição do luminoso. Perdeu seus valores espirituais normais em proporções desconhecidas e muito perigosas. Sua tradição moral e espiritual foi ao diabo e deixou atrás de si uma desorientação e dissociação universais (JUNG, 2011, p. 273).

A suástica, ou *hakenkreuz*, foi utilizada incessantemente como símbolo do partido, mas não como algo unicamente dos nazistas. Há um simbolismo agudamente antigo e utilizado de diferentes formas por outros povos, não sendo diferente para os nazistas; por meio de Hitler (1925), se dava como uma reprodução em torno do triunfo do povo ariano sobre os demais inferiores. A suástica na bandeira foi explicada pelos próprios nazistas. Esclarece-se que seu simbolismo se dá por meio da representação de cores em respectivas vicissitudes: sua tonalidade em vermelho é uma conotação sobre o prisma social da sociedade alemã, seguida pelo branco sobre o pensamento nacionalista do movimento nazista e, por fim, seguido pela suástica, já retratada pelo líder nazista, como o símbolo de glória da raça ariana sobre o judaísmo mundial e raças inferiores.

Figura 6 – Bandeira do Partido Nazista



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/jkIVY. Acesso em: 07 nov. 2020.

A suástica, antes de ter sua atribuição relacionada aos nazistas e sua bandeira, é reconhecida na mitologia nórdica como um sinal pagão germânico referente ao deus do trovão Thor. Mas em McNab (2013), foi durante o século XIX, que passou a ter o significado presente em meio a movimentos nacionalistas da Alemanha, sendo adotado por unidades da *Freikorps* (1918), os grupos paramilitares efetivos no momento pós-guerra.

A águia imperial ou *reichsadler* é um símbolo amplo utilizado não só pelos nazistas; tem sua peculiaridade no nazismo com a inserção de uma nova arte referente à águia utilizada por impérios antigos, como também a inserção da suástica sendo transportada pelo animal, com alterações possíveis a depender de onde se era aplicada, podendo conter outros emblemas sendo carregados.

Figura 7 – Símbolo da Águia Imperial ou *Reichsadler*

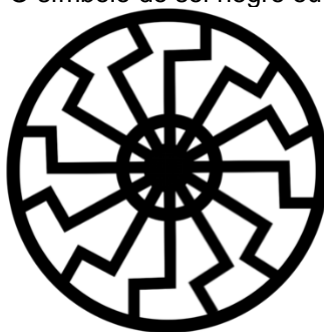


Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/oGQU9. Acesso em: 07 set. 2020.

O símbolo era inserido em muitas lugares e itens que, segundo Kennett (2017), podiam ser vistos em meio a diversos prédios das extensões da Alemanha, principalmente em infraestruturas relacionadas a instituições de vínculo ao partido nazista, era presente também em desfiles, divisões militares e infinitos pontos de destaque para que fosse reconhecida. Seu simbolismo se dá por meio da superioridade da raça ariana: a matriz da filosofia nazista de personificação da perfeição em diversas características, sendo utilizada dentro da Alemanha como retratado. Mas, em questões futuras com o decorrer do conflito mundial, também podia ser vista em meio a praças, prédios, marchas e afins em outros países submissos à conquista nazista.

O sol negro ou *sonnenrad*, segundo o autor Goodrick-Clarke (2002), mostra como a ação de forças arcanas e sobrenaturais se relacionavam em meio ao nazismo. Há destaque para Heinrich Himmler (1900-1945) que aplica preliminarmente este símbolo em uma forma estética e simbólica no castelo *Wewelsburg*, não sendo este o único simbolismo diligente.

Figura 8 – O símbolo do sol negro ou *Sonnenrad*



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/jrDGH. Acesso em: 12 nov. 2020.

O simbolismo e a presença do sol negro, segundo Hertel e Pöplow (2012), tem sua aparição também em anos posteriores à queda da Alemanha Nazista, por meio da obra *O Sol Negro*, de Tashi Lhunpo (1991) ou *Die Schwarze Sonne Von Tashi Lhunpo*. A obra bibliográfica é um romance com relevâncias do alemão coloquial e segue a noção de McCloud (1991). A obra acaba por conter em sua trama um suspense ao redor dos choques gerados entre as ordens secretas *Agartha* e *Shamballah*³⁴, referências aos nazistas e maçons. O sol negro não tem nenhum tipo de interpretação no decorrer da obra; assim, o seu significado e outras questões acabam por serem apartados, fazendo o livro ser, em momentos, uma pura conclusão do leitor. A utilização das diversas simbologias nórdicas e os referentes aos antigos impérios não eram excluídos do corpo militar, paramilitar e seus demais órgãos públicos de administração; são destacados em meio a premiações, cerimônias, veículos, uniformes, armamentos, documentações dos mais diversos tipos de finalidades, como também em estruturas e artifícios estéticos.

O símbolo do raio ou *siegrune*, em McNab (2013), tinha, em meio a sua representação, a noção de vitória; tinha sua utilização de formas alteradas em diversas organizações. O *SS-Sturmhauptführer* Walter Heck (1899-1985) era responsável por desenhar emblemas referentes aos nazistas, tinha papel pioneiro para formar o emblema da SS, adicionando um raio ao lado do outro, sendo a princípio usado de forma restrita pela Tropa de Proteção (1925-1945) ou *Schutzstaffel*, mas posteriormente atribuída a demais ramos da organização.

³⁴ Segundo uma lenda oriental, da região do Himalaia, trata-se de reino subterrâneo cujo nome é Agartha ou Agartha, e sua capital denomina-se Shamballah. Os persas denominaram esse reino subterrâneo "Ariana" ou Arianne", o país de origem dos arianos. Notamos aqui que Karl Haushofer afirmou que *Thule* era, de fato, a Atlântida. E ele dizia, contrariamente a todos os outros pesquisadores do Tibete e da Índia, que os sobreviventes da *Thule*-Atlântida se dividiram em dois grupos, um bom e um mau. Os bons, devido a seu oráculo, tomaram o nome de Agartha e instalaram-se na região do Himalaia; os maus, denominavam-se, de acordo com Haushofer, Shamballah e este queriam reduzir os seres humanos à escravidão, dirigiram-se para o Ocidente.

Figura 9 – O símbolo do sol negro e as runas correspondentes



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/hsD29. Acesso em: 07 set. 2020.

Figura 10 – O símbolo do raio ou *Siegrune*



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/yGYZ3. Acesso em: 07 set. 2020.

O raio poderia ser visto constantemente na realidade militar, mas também podia ser visto em organizações relacionadas aos civis como, por exemplo, nos Jovens Populares Alemães (1928-1945) ou *Deutsches Jungvolk*, uma organização de presença obrigatória para jovens com idade entre dez a quatorze anos, que era relacionada como uma repartição da Juventude Hitlerista (1926-1945) ou *Hitlerjugend*, órgão também obrigatória, que tinha suas atividades em torno de desfiles e esportes, com o fim doutrinário em ambas.

Figura 11 – Jovens Populares Alemães em formação



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/jnpxH. Acesso em: 03 nov. 2020.

A *Waffen-SS* (1940) era uma das organizações cujos simbolismos eram diversos e presentes. O gancho do lobo ou runa de *wolfsangel* não era excluído dessa lista, era utilizado em meio *Waffen-SS Landstorm Nederland* (1944), como em outras

divisões, mas não se pode limitar sua utilização somente nesse âmbito, pois também se teve por atribuído ao partido político nazista Weer Afdeeling (1941-1943) inserido na Holanda.

Figura 12 – Insígnia 34ª Divisão de Voluntários SS *Landstorm Nederland*



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/tvB16. Acesso em: 03 nov. 2020.

O significado dessa runa, em meio ao paganismo germânico era utilizada, segundo McNab (2013), para representar uma armadilha contra lobos; durante o século XV, foi adotado como emblema de liberdade e independência por parte dos camponeses, tendo a repulsa contra os mercenários subordinados aos príncipes alemães, papel significativo para esta manifestação. A morte no simbolismo nazista também conta com sua própria runa e interpretação, pois a fatalidade em um momento conflito é algo constante e imprescindível; são abundantes aqueles que retornam para suas nações com algum tipo de deficiência ou simplesmente em óbito.

A runa de *opfer* era a que fazia o nazismo ser constante. Mostra-se na obra de McNab (2013) que, em meio a morte e aos feridos da guerra ou a demais eventos relevantes nesse âmbito, se tinha por presente, seu significado em meio ao auto sacrifício completo por sua nação; foi usada pela associação de veteranos de guerra e em referência aos imolados nazistas que participaram do golpe na cervejaria.

Figura 13 – Runa *Opfer*



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/hjwDI. Acesso em: 05 out. 2020.

As regalias em meio a SS eram diversas, pois ser membro dessa organização em específico lhe trazia benefícios e principalmente o contato com indivíduos de relevância social e militar; por conta disto, os membros utilizam diversos simbolismos e objetos materiais para se destacarem em seu meio. Um desses benefícios se dá em receber os anéis da morte, que simbolizavam, em ênfase por McNab (2013), a crença inabalável na filosofia nazista; dando-se por inserido em meio a este anel, a runa de *hagall*, também se fazia presente em alguns recursos cerimoniais de casamentos.

Figura 14 – Runa de Hagall

Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/hrIPU. Acesso em: 19 set. 2020.

A fatalidade como já inserida era presente no momento em que a Alemanha se envolve em conflitos com demais países próximos, mas o nazismo não poderia se conter somente em reter seus simbolismos em meio aos veteranos e combatentes; e por conta disto se dá por aplicada uma runa também em meio à morte de indivíduos presentes na sociedade. Após a morte, diversas documentações são realizadas para que assim se consigam organizar os cidadãos que acabaram por falecer, por questão disso. Para McNab (2013), a runa de *toten* era inserida como uma marcação em meio a esses documentos, mostrando a data da morte de cada indivíduo, cujo simbolismo era a própria morte, pois o nazismo era assim, presente nas primeiras e últimas documentações dos alemães.

Figura 15 – Runa Toten

Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/dqQT1. Acesso em: 05 set. 2020.

O papel de Rudolf Hess (1894-1987), um político nazista, era em meio à gerência de parte do sistema legislativo, sendo este próximo consideravelmente do líder nazista. Era presente em uniforme, segundo McNab (2013), a representação do entusiasmo e o zelo que se deveria ter pela filosofia e governo nazista; era atribuída a runa de *eif* também a membros da SS com merecido destaque, sendo entregue de forma presente por meio do próprio líder. A runa da morte era presente nos diversos documentos de óbitos ocorrentes, logo a aqueles que nasciam também receberiam algum tipo demarcação em suas certidões, mostrando assim uma participação a longo prazo da simbologia, sendo inserida desde o primeiro momento de vida até o seu último instante.

Em McNab (2013), a vida tinha seu significado, por meio da runa *leben*, sendo aplicada em documentos de certidões de nascimento, mas também não se limitando a isso, pois foi adotada pelas sociedades da SS *Lebensborn* (1935-1945) e SS *Ahnenerbe* (1935-1945), podendo ser presente também em algumas documentações da SS em geral e marcadores graves.

Figura 16 – Runa Leben



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/qsDEI. Acesso em: 05 set. 2020.

As batalhas em maior parte das culturas e suas filosofias são cercadas por significados e especificações; não são diferentes em meio ao nazismo e suas concepções de como e qual é o papel de um conflito; é a instituição *Reichsführerschule* papel de prestígio para o uso deste simbolismo.

Figura 17 – Oficial da Reichsführerschule ao lado de Hitler com a runa de Tyr



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/bBKX6. Acesso em: 10 out. 2020.

O signo pagão germânico de Tyr, o deus da guerra, expresso por meio da runa *kampf*, simbolizava a liderança e determinação no campo de batalha; estas runas eram usadas ainda com base na obra de McNab (2013), nos membros da SS em geral, como podem ser observadas no fardamento dos graduados pela *Reichsführerschule*, a instituição que nutriu os vários oficiais nazistas.

A caveira ou *totenkopf* não se era um simbolismo presente a partir da ascensão do partido nazista e suas organizações. Mas já se tinha utilizado uma no Império da Prússia, pelo major-coronel Joseph Theodor von Ruesch (1709-1769), cujo papel

pioneiro era adotar esse símbolo no fardamento hussardo, além da cor preta presente na maior parte do uniforme com seus detalhes em branco e vermelho. A utilização dessa padronização se deu por anos decorrentes (HOLSCHER, 2013).

Figura 18 – O símbolo da caveira ou Totenkopf



Fonte: Disponível em encurtador.com.br/gpyB0. (Acesso em 10/10/2020)

Figura 19 – Heinrich Himmler comandante militar da SS usado o símbolo da caveira



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/xATUW. Acesso em: 10 out. 2020.

No nazismo, a caveira é utilizada nos uniformes de membros e oficiais da SS, como também se faz presente em suas repartições e em divisões de blindados do efetivo principal; tem sua simbologia em meio a sacrifício para o bem de uma maioria, mas de fato sua utilização de destaque, para Tonder (2018), se entende por meio do Esquadrão da Morte (1939) ou *Einsatzgruppen*, que era responsável por aplicar penalidades que envolviam a morte contra os divergentes do partido, como também selecionados, pois tinha grande participação em meio a campos de concentração.

Inicialmente, em ênfase por Siemens (2017), o Destacamento Tempestade (1921-1945) ou *Sturmabteilung* foi o primeiro grupo paramilitar vinculado ao nazismo e à sua proteção; continha um fardamento em específico, mas era totalmente desorganizado e violento; afastava-se da noção de militarismo e organização de fato;

utilizava-se das Camisas Marrons ou *Braunhemden* como uma referência às tropas que atuavam em colônias da Alemanha.

É por meio dos conflitos existentes entre a disciplina da SA e seu modo de operação que a cúpula do partido nazista aplica a criação da SS. É um órgão contrário ao que se tinha anteriormente, com um insigne treinamento militar para que garantisse profissionalismo e controle em meio aos objetivos que eram inseridos; utilizavam-se diversos fardamentos, mas tinha reconhecimento no preto, sendo cores características do Império alemão e popular em movimentos de orientações fascistas, gerando autoridade por meio do terror.

Considerações finais

Em síntese, após discorrermos brevemente sobre todas essas organizações e suas relações ocultistas, parece-nos que a ligação entre as origens do Partido Nazista teve suas origens em um complexo grupo ou organizações que exerceram um importante papel para criar e disseminar ideais nacionalistas na Alemanha devastada pelos resultados da primeira Guerra Mundial. Os membros dessas sociedades ocultistas, através de uma ideologia de superioridade racial e espiritual, fizeram com que milhões de pessoas acreditassem em um ideal baseado em lendas e mitos de que os germânicos eram invencíveis e que o combate aos judeus e inimigos da nação alemã traria a glória dos antepassados que eram predestinados a subjugar os povos inferiores, de sangue impuro e não ariano. Sob a égide desse espectro de poder e magia, fanatismo e doutrinas, símbolos e, inclusive, a manipulação em nível inconsciente, construíram um sentido popular para a legitimação de um projeto de poder aparentemente legítimo e restaurador que colocaria ordem no caos. Contudo, as portas que tal ambição abriram nos revelaram um poder ditatorial baseado na propaganda, na paixão – e por mais estranho que possa parecer – pela ilusão que esse idealismo despertou em seus líderes e liderados.

O terceiro Reich não durou os mil anos que seus idealizadores desejavam. Mas aqui cabe uma reflexão: será que conseguiremos explicar ou entender todos os bastidores desses breves e intensos anos pelos próximos mil anos?

Referências

AMIS, Martin. **Zona de Interesse**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

FAUR, Mirella. **Mistérios Nórdicos**: deuses, runas, magias e rituais. São Paulo: Pensamento, 2007.

HELSING, Jan van. **As Sociedades Secretas e seu poder no século XX**. Paris: Ewertverlag, 1998.

HERTEL, Daniel; PÄPLOW, Thorsten. **Das Motiv der “Schwarzen Sonne” in Wilhelm Landigs Roman Götzen gegen Thule**. Mälardalen University Sweden. School of Education, Culture and Communication, 2012. Disponível em: encurtador.com.br/abPQ5. Acesso em: 25 jul. 2020.

HITLER, Adolf. **Minha Luta**. São Paulo: Centauro, 2016.

HOLSCHER, Joost. **Death's Head**. France: Chamerelle, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica**. 5. ed., v. 1. Petrópolis: Vozes, 2011.
_____. **A vida simbólica**. v. 2. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Aspectos do drama contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

KERSHAW, Ian. **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MCCLOUD, Russell. **Die Schwarze Sonne von Tashi**. Germany: Antiquariat Behnkenbuch, 1991.

MCNAB, Chris. **Hitler's Elite: The SS 1939-45**. Union Kingdom: Osprey Publishing, 2013.

NICOLSON, Harold. **O Tratado de Versalhes**: a paz depois da Primeira Guerra Mundial. Rio Grande do Sul: Globo Livros, 2014.

NOGUEIRA, Adeilson. **Rosa Luxemburgo**. São Paulo: Clube de Autores, 2019.

ROLAND, Paul. **A vida no Reich**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2015.

_____. **Os nazistas e o ocultismo**: as forças negras desencadeadas pelo terceiro reich. São Paulo: Madras, 2009.

SIEMENS, Daniel. **Sturmabteilung**: Die Geschichte der AS. Germany: Siedler Verlag, 2017.

STOLLEIS, Michael. **O Direito Público na Alemanha**. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

SZKLARZ, Eduardo. **Nazismo**. São Paulo: Abril, 2015.

TONDER, Gerry Van. **SS Einsatzgruppen: Nazi Death Squads, 1939–1945**. Union Kingdom: Pen & Sword Military, 2018.